

CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA: DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA LATINO-AMERICANA

Yasmin Garcia Marques Universidade Federal de Santa Maria yasmin.marques@acad.ufsm.br	Neiva Maria Mallmann Graziadei Universidade Federal de Santa Maria neivag53@gmail.com	Robson Thomas Ribeiro Universidade Federal do Rio Grande do Sul robsonthomasr@hotmail.com
---	--	---

Resumo

O presente trabalho¹ pretende analisar a relação entre a história, a memória e a narrativa no âmbito literário latino-americano por meio de uma investigação que se dá a partir de um projeto de iniciação científica de estudo interdisciplinar. Nesse sentido, o trabalho visa a analisar, como corpus desta pesquisa, a obra intitulada *Um defeito de cor* (2019). Como referencial teórico utilizamos para fomentar a discussão de história o francês Ricoeur (2007) e para abordar a memória, Nora (1993) e para tratar da crítica ao racismo presente na obra de Ana Maria Gonçalves, a filósofa Djamila Ribeiro (2019). Pretende-se com esta investigação encontrar pontos convergentes entre os aspectos mencionados e a obra referida. Ressalta-se ainda que o presente artigo discorre acerca de percepções e construções de análises do romance. Como resultados desse trabalho, pretende-se apresentar a importância de compreender esses conceitos para a construção de uma sociedade mais comprometida e consciente dos aspectos históricos que impactaram diretamente na vida das mulheres e dos homens negros.

Palavras-chave: História; Memória; Racismo.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Yasmin Garcia Marques

Mestranda na área de concentração em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola - Habilitação Licenciatura pela mesma instituição. Atualmente, sob apoio financeiro da CAPES, se dedica integralmente à pesquisa sobre as teorias feministas.



lattes.cnpq.br/7452282645976614



orcid.org/0000-0003-1188-5871

Neiva Maria Mallmann Graziadei

Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS (2015). Pós-Graduação em Ensino de Língua Espanhola e Literaturas pela PUCRS (2001) e Mestrado em Letras - Estudos Literários (Literatura Comparada) pela UFSM (2002). Possui graduação em Licenciatura Plena de Letras com Habilitação em Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela UFSM, (1999).



lattes.cnpq.br/5765511051864213



orcid.org/0000-000262693696

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Robson Thomas Ribeiro

Mestrando em Estudos Literários Aplicados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Graduado no Curso de Letras Licenciatura Habilitação: Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola pela Universidade Federal de Santa Maria; Atua como Professor pela Rede Estadual de Ensino no município de Candelária (RS).



lattes.cnpq.br/304545804062138113



orcid.org/0000-0001-7573-746X

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA: DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA LATINO-AMERICANA

Yasmin Garcia Marques Universidade Federal de Santa Maria yasmin.marques@acad.ufsm.br	Neiva Maria Mallmann Graziadei Universidade Federal de Santa Maria neivag53@gmail.com	Robson Thomas Ribeiro Universidade Federal do Rio Grande do Sul robsonthomasr@hotmail.com
---	--	---

Introdução

O presente estudo de caráter indisciplinar, como o título deste trabalho já expressa, visa estabelecer relações ao traçar uma cartografia entre os aspectos como a história, a memória, o tempo, o racismo, o exílio e a imigração. Nesse sentido, nesta investigação busca-se analisar as relações existentes entre a história, a memória e as narrativas no âmbito literário latino-americano a partir do romance intitulado *Um defeito de cor* (2019), da autora Ana Maria Gonçalves.

Se ressalta que o presente trabalho é fruto de um projeto de iniciação científica (IC), coordenado pela profa. Dra. Neiva Maria Mallmann Graziadei da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Como proposta do projeto, pretende-se incentivar acadêmicos e acadêmicas dos cursos de Letras da instituição iniciarem seus percursos enquanto pesquisadores por meio da iniciação científica com estudos que ocorrem por meio das reuniões quinzenais onde de forma colaborativa são discutidos textos teóricos que auxiliam na construção de uma formação crítica.

As reflexões que justificam a discussão sobre romance partem da ideia de que os exílios, as imigrações e lugares do passado estão fortemente atrelados à memória. Assim, pretende-se discutir acerca dessas questões por meio da análise do objeto literário mencionado. Como aporte teórico, dos principais teóricos utilizados para a construção do presente diálogo sobre história, destacam-se o francês Ricoeur (2007), a memória com Nora (1993) e o pensamento decolonial com a pensadora contemporânea Ribeiro (2019), pois se compreende que sua visão crítica é essencial para discutir de que forma o racismo é apresentado nessas obras, e mais importante, como as práticas racistas seguem presentes e de certa forma naturalizadas na nossa sociedade.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Além disso, embora tenhamos fatos ficcionais ligados à história, a obra apresenta várias questões implícitas importantes como por exemplo reconhecer a importância de ter uma memória viva dos fatos, visto que algumas cenas seguem ocorrendo de certa forma cíclica no nosso país. Se por um momento pensamos em expor nossas primeiras impressões, no outro faltam palavras para descrever a sensação de cada parágrafo que compõem a extensa obra. Se enfatiza que se por um lado encontramos a sagacidade, esperteza e doçura da protagonista Kehinde, do outro encontramos a desumanização, uma infância roubada e os laços afetivos desfeitos.

Mas, o que essa obra tem em comum com a história e a memória e por que ela é tão atual? Convidamos o leitor a refletir sobre as questões provocadas a partir da leitura, interpretação e análise do romance que motivaram a presente investigação.

Desenvolvimento

Um defeito de cor (2019), da mineira Ana Maria Gonçalves, vem se revelando para nós, como um esplêndido romance histórico, sob forma narrativa biográfica que mescla a historiografia, à memória e a ficção evocando das profundezas do passado a voz e autoridade da multifacetada Kehinde que ao retomar tópicos revela camadas essenciais para que se tenha a concepção total da degradação sofrida pelos povos africanos escravizados e trazidos para as Américas. Desvela, nesse ínterim, por meio de uma narrativa de fôlego, não somente uma personagem de tamanho e potencial dos grandes Clássicos da Literatura, mas a aglutinação das mazelas enfrentadas por ela, como a síntese e representação das perversas estruturas do escravismo e do racismo, que se fazem presentes nos diferentes tipos de violências sofridas por ela e pelos seus. Como ilustra detalhadamente o episódio traumático do estupro já nas páginas iniciais do livro:

A minha avó continuava deitada na frente de um dos guerreiros, batendo a cabeça no chão e pedindo que fossem embora, mas eles não se importam. O guerreiro que segurava a minha mãe o que aos meus olhos era só membro duro e grande, jogou-a no chão e se enfiou dentro da racha dela. Ela chorava e eu olhava assustada, imaginando que devia estar doendo, imaginado que a minha avó, por ser grande, também já tinha feito aquilo e sabia que não era bom, pois ela também chorava e pedia que parassem, perguntando se já não estavam satisfeitos ao Kokumo. Eles continuaram fingindo que ela não existia. (GONÇALVES, 2019, p. 23)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Enquanto criança, ainda sem entender direito o que estava acontecendo, a personagem Kehinde presencia uma das piores cenas de violência cometidas contra a sua família. Esse eu que enuncia ao evocar a voz da protagonista, Kehinde, por conseguinte, abre vazão aos ecos das chagas e feridas abertas pelos povos que foram escravizados.

Inclusive, ao avançar a leitura, a partir do título “a viagem”, sendo, nesse sentido, de forma subjetiva um título que também transmite uma ideia de inocência da protagonista, pois Kehinde, sua irmã e sua avó estavam sendo levadas em um navio como escravas, quando ao enfrentar a fome, o frio e o medo, a protagonista sobrevive e consegue chegar até a Ilha dos Frades. No decorrer da construção da narrativa, durante a passagem sobre a sua venda, encontramos de forma bastante detalhada a condição imposta aos povos escravizados,

Disse para eu falar o meu nome direito porque não havia nenhuma Kehinde, e eu não poderia ter sido batizada com este nome africano, devia ter um outro. Um nome cristão. Foi só então que me lembrei da fuga do navio antes da chegada do padre, quando eu deveria ter sido batizada, mas não quis que soubessem dessa história. “A Tanisha tinha me contado o nome dado a ela, Luísa, e foi esse que adotei. Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nanã, por Xangô, por Oxum, pelos Ibêjis e principalmente pela Taiwo. Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto. (GONÇALVES, 2019, pp. 72-73)

Nesse fragmento, visualizamos quase como um registro fotográfico a dor da perda de uma identidade, do corpo violentado e da tentativa de apagamento da memória. Tentativa no sentido de que a personagem não aceitava que sua memória fosse apagada com certas políticas de esquecimento, como por exemplo, seu nome de batismo que para os brancos seria chamada de Luísa Gama.

Se historicamente, de um lado temos:

os textos literários hegemônicos que exerceram papel fundante da experiência e do espírito nacional brasileiro arquitetaram a construção do outro (negro, indígena, mestiço) como diferente, configurando-se a partir da dicotomia “eu” e o “outro”, constituindo essas variantes como Civilização x Barbárie e “territorializando-as” como espaços físicos, senzalas e as periferias tido o espaço constituída pela barbárie e pelo atraso e a cidade intelectual e burguesas por sua vez constituída pelo espaço civilizacional, intimamente ligado à modernização e ao desenvolvimento (essa configuração ocorre porque o discurso homogêneo é projetado da cidade intelectualizada para o espaço periférico, que adquire a compreensão do território habitado pelas classes e raças inferiores.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

A cultura se torna uma prática desconfortável, perturbadora, de sobrevivência e complementaridade - entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado - na mesma medida em que seu ser resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento ou libertação. É dessas posições narrativas que a prerrogativa pós-colonial procura afirmar e ampliar uma nova dimensão de colaboração, tanto no interior das margens do espaço-nação como através das fronteiras entre nações e povos. (BHABHA, 1998, p. 245)

Ou seja, a preservação de um projeto de manter um ambiente "civilizado" e a ordem para evitar as inquietudes, as revoltas, os deslocamentos a partir desse sistema binário, quando na realidade, seu foco narrativo para o ambiente da "barbárie", desumanizando, animalizando, objetificando, brutalizando, sexualizando ou personificando a degradação social na figura dos homens e mulheres negras.

Do outro extremo temos:

Ana Maria Gonçalves e *Um defeito de cor* que por sua vez e a desconstrução de uma narrativa colonial a fim de quebrar essa dinâmica ao produzir enunciados que parte do espaço marginalizado, que ecoa dos porões dos navios negreiros, dos quilombos, das senzalas, para reivindicar um espaço na história geral a partir da memória dos escravizados, (re)humaniza as identidades negras desenvolvendo personagem que não apenas resistem a dor da escravidão, mas que amam, sentem, sorriem, mas sobretudo, tem memória, lembram, relatam suas histórias e são protagonistas de suas próprias narrativas, possibilitando o resgate das memórias e narrativas "esquecidas" que retornam e gritam de dentro das páginas com a força de muitas vozes.

A intelectual Djamilia Ribeiro menciona em sua obra *Pequeno manual antirracista* (2019), que não contaram a ela sobre o que foram as lutas, as organizações e as rebeliões. Mas, essa obra conta, "A rebelião do Urubu estava marcada para o dia vinte e cinco de dezembro de um mil oitocentos e vinte e seis, no Natal, quando as pessoas estariam mais preocupadas com as celebrações, relaxando a vigilância" (GONÇALVES, 2019, p. 282).

Esses fatos históricos que também são muito bem apresentados na obra de Ana Maria Gonçalves se revelam importantíssimos para entendermos de forma simples e didática o que foram esses eventos traumáticos a partir das vozes que por muito tempo foram silenciadas. Se percebe que, um dos grandes problemas no âmbito literário é a validação da história narrada a partir do ponto de vista do privilegiado homem branco. Quando nos deparamos com a riqueza de detalhes da obra da autora mineira, uma história contada por um eu que enuncia de uma forma bastante detalhada por aqueles que durante anos foram

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

silenciados, apagados e desumanizados. Assim, conhecemos a partir de uma linguagem simples da obra de Ana Maria Gonçalves, um eu que enuncia e marca uma série de atos que confirmam que houve muita resistência, revolta e organização dos povos escravizados.

É interessante perceber e ressaltar que a construção da personagem Kehinde amadurece à medida em que a narrativa vai acontecendo. Ao começar encontramos a linguagem infantil de uma criança de sete a quase 8 anos, até uma mulher adulta que passa por uma série de experiências traumáticas vividas por uma condição de desumanização imposta e que dá à luz ao filho.

Os enunciados, os enfoques e escolhas discursivas ressuscitam o passado e com ele toda a força, a beleza, a pluralidade e a subjetividade dos diversos povos, que escravizados, obrigam-se ao ofício da ressignificação, adaptando seus signos na necessidade de combater o apagamento e o esquecimento de sua memória e ancestralidade em forma de justiça.

É a justiça que, ao extrair das lembranças traumatizadas seu valor exemplar, transforma a memória em projeto; e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo. Pode-se então sugerir que, enquanto imperativo de justiça, o dever de memória se projeta à maneira de um terceiro termo no ponto de junção do trabalho de luto e do trabalho de memória. (RICOEUR, 2007, p. 101)

Se entende, a partir dessa discussão, que: “o dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si” (RICOEUR, 2007, p. 101). Embora se trate de uma narrativa ficcional, carregam traços da realidade através da memória individual da narradora-protagonista que representa a memória coletiva dos escravizados.

É ficcional porque se compõe de procedimentos narrativos de criação, reelaboração da realidade do fato histórico, contudo, se constituem enquanto aporte a refletir a história, ao ponto que recupera memórias inoportunas que se contrapõem às narrativas da história oficial. Neste sentido, Ricoeur nos ajuda a pensar a memória que de maneira resumida poderíamos tratar como a parte da história que se constitui a partir da reconstrução das lembranças individuais e coletivas, e que nessa obra aparece de maneira contundente através das imagens afetivas que conectam a narradora-personagem, ao o seu passado e ao seu povo.

Pode-se observar nos diferentes trechos já lidos, a presença de unidade dos povos, que mesmo desterrados e tendo suas identidades e particularidades homogeneizadas, é a latente a síntese do “viver comunitário” que se revela como um antídoto a dor, o indivíduo converte-se em parte de um todo, ao rigor da expressão Iorubá "Ubuntu" (eu sou porque nós somos). Dessa forma, o viver em comunidade garante a organização do reduto e dos

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

territórios de resistência, tanto físicos como afetivos, emocionais e espirituais que se combinam e se transpassam e de forma coletiva são capazes de reconstruir a memória afetiva do passado em África.

Busca-se, portanto, nas memórias coletivas, os retalhos para construir a memória individual das personagens a cometida pelo esquecimento, ao mesmo que do inverso a memória individual dela se converte em memória coletiva a resgatar os ecos abafados pela hegemonia dos discursos coloniais excludentes. Em relação a essas travessias literárias, se percebe a poética que vem da memória da protagonista no seguinte fragmento:

[...] Deitada no escuro, olhando o céu sem estrelas do teto do porão, se não fosse o cheiro que fazia o ar entrar difícil no peito, eu teria gostado de ter sido embalada pelo mar. Ele fez com que eu me lembrasse de quando a minha mãe nos embalava, a mim e a Taiwo de uma só vez, indo e voltando ao ritmo de uma música que ele inventava na hora. A minha mãe tinha voz bonita, que foi embora navegando no riozinho de sangue que se juntou ao riozinho de sangue do Kokumo. Esse foi o cheiro que, apesar de disperso no meio dos outros, me acompanhou durante toda a viagem desde o armazém: o cheiro de sangue. (GONÇALVES, 2019, p. 46)

Quando estão no navio, em pensamento, Kehinde faz uma comparação entre o balanço da água e quando mãe embalava a ela e a irmã quando pequenas. Ou seja, neste fragmento, ela resgata uma memória afetiva, que de certa forma, a confortou naquele momento, embora estivesse em uma situação totalmente desumana em meio ao mau cheiro, a fome, o frio e a solidão.

Como *Um defeito de cor* é fruto, muito possivelmente de um relato verdadeiro, já que partes da narrativa se compõe de escritos que foram coletados pela autora Ana Maria Gonçalves em antigos manuscritos achados em uma casa da Bahia que a mesma estava de passagem, ao lê-lo nos deparamos com uma obra de tom memorial, praticamente um registro historiográfico composto nos meandros da ficção. Neste sentido, uma das marcas importantes da narrativa é nos chegar ao conhecimento que a personagem, narradora e protagonista Kehinde, constrói uma relação de interesse e afetividade com a leitura e a escrita, ferramenta de poder, instituição e estatuto da verdade para o homem branco, capaz de gerir a codificação do mundo, e por conseguinte um não lugar para os escravizados. Podemos perceber essa relação no trecho a seguir:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Mesmo no escuro, eu ficava desenhando as letras na minha cabeça e tentando juntar umas com as outras, formando as palavras. Palavras que depois eu passava para o papel, usando a pena e uma tinta que o Fatumbi ensinou a Esméria a preparar com arroz queimado. (GONÇALVES, 2019, p. 93)

Nesse ínterim, *Um defeito de cor* propicia a (re)elaboração e um (re)visão das narrativas que constituem o Brasil, Benedict Anderson (1996) em sua obra *Comunidades Imaginadas*, elabora a percepção de que as nações são como comunidades constituídas através da retórica, do discurso, das narrativas. Ou seja, são realidades que se podem ler. Para ele, a nação é como uma comunidade imaginada cuja realidade reside em última instância na verossimilização das identidades (identidades criadas através da escrita). Por exemplo, ao conhecermos um pouco mais sobre o contexto literário brasileiro, perceberemos que as identidades marginalizadas, como o caso dos africanos e afro-brasileiros escravizados, foi criada pelas narrativas e discursos escritos por autores não negros, ou seja, uma performatização ideológica a deformar a realidade e criar verossímeis.

Ao analisarmos, portanto, a partir desta perspectiva, percebemos que a nação brasileira e por tanto a historiografia nacional (as narrativas históricas usam de procedimentos narrativos qual a literatura) nascem através de uma realidade criada pelos textos escritos e seus discursos hegemônicos que em sua grande maioria são homogeneizadores e carregados de ideologias racistas e eugenistas.

Assim como trata Nora (1993), a história e literatura transitam sobre uma fronteira muito tênue, afinal ambas usam como repertório narrativo a memória, como já dito anteriormente, não há a construção historiográfica sem que haja procedimentos narrativos em um processo que não se dissocia de escolhas e enfoques que por sua vez, como qualquer outra produção discursiva, passam pelo filtro ideológico, que não raramente se revela de forma perversa e excludente.

Nesse sentido, se entende que *Um defeito de cor*, se trata de um romance construído, provavelmente, a partir do relato escrito por uma africana escravizada. Se revela como uma potente narrativa de condução a uma memória apagada, transforma a escrita biográfica adaptada a ficção, a personagem e a sua história em “documento” de registro, uma colcha de memórias e imagens, que conduz à margem ao centro de uma nova história, constituída como monumento de memória.

Como observa Gagnebin, se “hoje não existe mais nenhuma certeza de salvação, ainda menos de Paraíso. No entanto, podemos — e talvez mesmo devamos — continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos” (2006, p. 118). *Um defeito de cor* representa justamente esse compromisso de decifrar e resgatar fragmentos do passado, onde a memória

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

da protagonista se torna um monumento de resistência, busca reconectando e (re)dignificando as memórias e a identidade dos povos africanos, levando o leitor a refletir sobre a importância da memória e do testemunho como parte do dever de justiça.

Se a protagonista, quando é obrigada a trocar seu nome nativo, tem sua identidade corrompida em um processo de política de esquecimento, o registro de suas memórias não apenas se apresenta como uma resistência contra o e apagamento, possibilita uma narrativa outra sobre o escravismo, os seus desenlaces e os integrados nesse processo, produzida a partir de outros enfoques, revisitada, (re)elaborada, (re)arranjada e transformada em romance por uma escritora também negra, adapta e atribui novos ares a narrativa, tornando-a ficção, sem jamais tirar das linhas a potencial de registro fidedigno das memórias da escravidão. A partir da voz do escravizado, conduz à escrita, de um não lugar para a população negra para o território da autoria e do protagonismo, no sentido de que, quem detém o poder da língua e o monopólio da verdade constituído da escrita, detém o poder de decidir a realidade.

Ana Maria Gonçalves, portanto, constrói uma narrativa que dá voz ao trauma histórico e pessoal de Kehinde, que, ao ser desterrada, carrega consigo uma ferida aberta. Como Gagnebin coloca buscando referências na obra Odisseia, ao se referir a cicatriz “a ferida não cicatriza e o viajante, quando, por sorte, consegue voltar para algo como uma ‘pátria’, não encontra palavras para narrar nem ouvintes dispostos a escutá-lo” (Gagnebin, 2006, p. 110). A jornada de Kehinde, assim, reflete o silêncio que recai sobre as narrativas dos sobreviventes de violência, onde há um bloqueio ao compartilhamento do sofrimento, intensificando o sentimento de exílio. E nesse sentido, o romance representa o exílio e a tentativa de Kehinde de manter viva a memória do que viveu, mesmo diante de uma vivência nesse mundo binário que não quer ouvir ou lembrar.

Considerações finais

Certificou-se que a memória depende da história e que a cartografia traçada está exposta durante toda a obra da autora Ana Maria Gonçalves. Se observa, portanto, que essas relações entre a história, a memória e a narrativa perduram até hoje a partir de uma obra atual que resgata esses aspectos no contexto literário latino-americano.

Conclui-se, a partir da obra analisada, que o eu-enunciador utiliza os recursos da história e conseqüentemente da memória para compor a narrativa da protagonista. Como já discutido nessa discussão, isso acontece devido a forte ligação e dependência entre os aspectos. Enquanto a narrativa é construída na obra especialmente pela forma como o

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

processo de identidade da protagonista e também de outros personagens aparecem e pela forma como são descritos.

Neste ínterim, se observou, a partir da cartografia inicial dos aportes, que, dentro de seus limites, e muitas vezes extravasando estes, o romance de Ana Maria Gonçalves, para além de construir uma narrativa poderosa e arrebatadora, evoca a história dos que foram silenciados e apagados, dando voz e vida a figuras marcadas pelo esquecimento, devolvendo a identidade arranca dos povos escravizado.

Um defeito de cor recorda e redesenha a história para que jamais seja novamente esquecida, sobretudo, nos apresenta, ademais das dolorosas memórias da escravidão, o que está para além das correntes e das ferramentas de tortura física e psicológica.

Aponta-nos a grande diversidade desses povos, sua cultura, suas tradições, suas espiritualidades, suas formas de ser e estar no mundo. Afinal, tratar africanos de distintas nações, unicamente como escravos pretos e homogeneizados, como por muitas vezes nossa Literatura, nossa Historiografia e nossas Ciências Sociais fizeram, não deixa de ser uma forma de apagamento da dignidade e da história riquíssima desses povos que antes de estarem na condição de escravos eram Reis e rainhas, matemáticos, artistas, comerciantes, Griôs contadores e contadoras de histórias, poetas e poetisas, enfim, intelectuais, cientistas e criadores das mais diversas áreas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever e esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, v. 10. São Paulo, dez/93.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

CARTOGRAPHIES OF MEMORY: DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LATIN AMERICAN LITERATURE

Yasmin Garcia Marques Universidade Federal de Santa Maria yasmin.marques@acad.ufsm.br	Neiva Maria Mallmann Graziadei Universidade Federal de Santa Maria neivag53@gmail.com	Robson Thomas Ribeiro Universidade Federal do Rio Grande do Sul robsonthomasr@hotmail.com
---	--	---

ABSTRACT

This paper aims to analyze the relationship between history, memory, and narrative in the Latin American literary context through an investigation that is based on an interdisciplinary scientific initiation project. In this sense, the work aims to analyze, as the corpus of this research, the work entitled *A Defect of Color* (2019). As a theoretical framework, we use the French Ricoeur (2007) to foster the discussion of history and Nora (1993) to address memory, and to address the critique of racism present in the work of Ana Maria Gonçalves, the philosopher Djamila Ribeiro (2019). The aim of this investigation is to find convergent points between the aspects mentioned and the aforementioned work. It is also worth noting that this article discusses perceptions and constructions of analyses of the novel. As a result of this work, we intend to present the importance of understanding these concepts for the construction of a society that is more committed to and aware of the historical aspects that directly impacted the lives of black women and men.

Keywords: History; Memory; Racism.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

CARTOGRAFÍAS DE LA MEMORIA: DIÁLOGOS ENTRE LA HISTORIA Y LA LITERATURA LATINOAMERICANA

Yasmin Garcia Marques Universidade Federal de Santa Maria yasmin.marques@acad.ufsm.br	Neiva Maria Mallmann Graziadei Universidade Federal de Santa Maria neivag53@gmail.com	Robson Thomas Ribeiro Universidade Federal do Rio Grande do Sul robsonthomasr@hotmail.com
---	--	---

RESUMEN

El presente trabajo pretende analizar la relación entre historia, memoria y narrativa en el contexto literario latinoamericano a través de una investigación que se desarrolla a partir de un proyecto de iniciación científica de estudio interdisciplinario. En este sentido, el trabajo pretende analizar, como corpus de esta investigación, la obra titulada *Um defeito de cor* (2019). Como referente teórico utilizamos el francés Ricoeur (2007) para incentivar la discusión de la historia y abordar la memoria, Nora (1993) y para abordar la crítica al racismo presente en la obra de Ana Maria Gonçalves, la filósofa Djamila Ribeiro (2019). El objetivo de esta investigación es encontrar puntos de convergencia entre los aspectos mencionados y el trabajo mencionado. También es digno de mención que este artículo discute percepciones y construcciones de análisis de la novela. Como resultado de este trabajo, pretendemos presentar la importancia de comprender estos conceptos para la construcción de una sociedad más comprometida y consciente de los aspectos históricos que impactaron directamente la vida de mujeres y hombres negros.

Palabras-clave: Historia; Memoria; Rascismo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 14	n. 1	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------